

Cadernos Teologia Pública



A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval

Gerson Leite de Moraes
Daniel Nagao Menezes

ISSN 1807-0590 (impresso) • ISSN 2446-7650 (Online)
ano XV • número 131 • volume 15 • 2018

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval

The Heterodoxy of Pseudo-Dionysius: Hierarchy and Bureaucracy in Medieval Theology

Resumo

O presente trabalho tem por finalidade, inicialmente, descrever o papel essencial dos escritos do Pseudo-Dionísio, o Areopagita, na organização da Teologia Política medieval e, posteriormente, demonstrar que a noção de hierarquia não está presente na *oikonomia* trinitária dos primeiros séculos da Igreja cristã, pelo menos do ponto de vista dos Concílios Ecumênicos, que traduzem oficialmente aquilo que pode ser denominado como Ortodoxia. É interessante observar que Agamben trabalha com as ideias essenciais do Pseudo-Dionísio, mas de maneira muito enxuta e com uma dependência enorme da leitura feita por São Tomás de Aquino. É bem verdade que este mencionou em suas obras os escritos do Pseudo-Dionísio cerca de 1.700 vezes, fato este que talvez tenha induzido o pensador italiano a enxergar o apócrifo pelos olhos do Aquinate. A obra do Pseudo-Dionísio representa uma fusão entre o cristianismo e o neoplatonismo, em que ficam evidentes as influências de Plotino e Proclo, lídimos representantes de releituras de Platão. Seu valor se mostra tanto no campo teológico, quanto no filosófico, sendo que a união de tais campos possibilita a construção de uma teologia política. Na Teologia, é de suma importância a distinção feita entre a Teologia Positiva, também chamada de catafática (do grego, *katáphasis* = afirmação), e a Teologia Negativa, ou apofática (do grego, *apóphasis* = negação). Vale ressaltar que a ideia de hierarquia está presente no Pseudo-Dionísio, mas isto não significa que esteja ocorrendo uma perfeita tradução do pensamento ortodoxo da Igreja e, por isso, talvez a tese de Agamben fique prejudicada.

Palavras-Chave: Teologia Política; Agamben; Igreja Cristã.

Abstract

The purpose of the present paper is to describe the essential role of the writings of the Pseudo-Dionysius, the Areopagite, in the organization of medieval political theology, and later demonstrate that the notion of hierarchy is not present in the trinitarian *oikonomia* of the first centuries of the Christian Church, less from the point of view of the Ecumenical Councils, which officially translate what can be termed as Orthodoxy. It is interesting to note that Agamben works with the essential ideas of Pseudo-Dionysius, but in a very lean way and with a huge dependence on the reading made by St. Thomas Aquinas. It is quite true that he mentioned in his works the writings of Pseudo-Dionysius about 1700 times, a fact which may have induced the Italian thinker to see the apocryphal through the eyes of Aquinas. The work of the Pseudo-Dionysius represents a fusion between Christianity and Neoplatonism, in which the influences of Plotinus and Proclus, plain representatives of Plato's re-readings, are evident. Its value is shown as much in the theological as in the philosophical field, being that the union of such fields allows the construction of a political theology. In theology, the distinction made between Positive Theology, also called cataphatic (from Greek, *katáphasis* = affirmation), and Negative Theology, or apophatic (from the Greek, *apóphasis* = negation) is of utmost importance. It is noteworthy that the idea of hierarchy is present in the Pseudo-Dionysian, but this does not mean that a perfect orthodox translation of the Church is occurring and, therefore, perhaps Agamben's thesis is impaired.

Keywords: Political Theology; Agamben; Christian church.

A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval

Gerson Leite de Moraes

Professor Doutor Adjunto I da Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP

Daniel Nagao Menezes

Professor do Programa de Pós-Graduação em Direito Político e Econômico
da Faculdade de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP

Cadernos Teologia Pública é uma publicação impressa e digital quinzenal do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: *Marcelo Fernandes de Aquino, SJ*

Vice-reitor: *Pedro Gilberto Gomes, SJ*

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor: *Inácio Neutzling, SJ*

Gerente administrativo: *Jacinto Schneider*

www.ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

Ano XV – Vol. 15 – Nº 131 – 2018

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (Online)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling

Conselho editorial: MS Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS Rafael Francisco Hiller; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Profa. Dra. Ana Maria Formoso, Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação; Prof. Dr. Christoph Theobald, Faculdade Jesuíta de Paris-Centre Sèvres, doutor em Teologia; Prof. Dr. Faustino Teixeira, UFJF-MG, doutor em Teologia; Prof. Dr. Felix Wilfred, Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia; Prof. Dr. Jose Maria Vigil, Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação; Prof. Dr. José Roque Junges, SJ, Unisinos, doutor em Teologia; Prof. Dr. Luiz Carlos Susin, PU-CRS, doutor em Teologia; Profa. Dra. Maria Inês de Castro Millen, CES/ITASA-MG, doutora em Teologia; Prof. Dr. Peter Phan, Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia; Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner, EST-RS, doutor em Teologia.

Responsáveis técnicos: Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; MS Rafael Francisco Hiller.

Revisão: Carla Bigliardi

Imagem da capa: Patrícia Kunrath Silva

Editoração: Gustavo Guedes Weber

Impressão: Impressos Portão

Cadernos teologia pública / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos. – Ano 1, n. 1 (2004) - . – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2004- . v.

Irregular, 2004-2013; Quinzenal (durante o ano letivo), 2014.

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-teologia>>.

Descrição baseada em: Ano 11, n. 84 (2014); última edição consultada: Ano 11, n. 83 (2014). ISSN 1807-0590

1. Teologia 2. Religião. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

CDU 2

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

Solicita-se permuta/Exchange desired.

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Toda a correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial dos Cadernos Teologia Pública: Programa Publicações, Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo RS Brasil
Tel.: 51.3590 8213 – Fax: 51.3590 8467
Email: humanitas@unisinos.br

A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval

Gerson Leite de Moraes

Professor Doutor Adjunto I da Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP

Daniel Nagao Menezes

Professor do Programa de Pós-Graduação em Direito Político
e Econômico da Faculdade de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP

1. O Pseudo-Dionísio e sua importância na Idade Média

Durante o período da Baixa Idade Média, a Escolástica se apropriou de todos os escritos antigos que baliavam seu poderio político. Contudo, no final do período mencionado, a obra intitulada *Doação de Constantino*, que embasou durante muito tempo o domínio territorial da Igreja no período medieval, foi desmascarada por Lo-

renzo Valla. Ocorreu um verdadeiro desmonte de uma teologia política que há muito vinha vigorando no ambiente europeu. Mesmo sob os escombros, é necessário dar o devido valor a alguns elementos que serviram de base para justificar o período político medieval durante tanto tempo.

O que nos interessa neste trabalho é perscrutar uma obra que teve um papel fundamental na construção da teologia política medieval. Ela foi produzida por

um filósofo-teólogo do século V da era cristã que usou o pseudônimo de Dionísio, personagem histórico convertido após a pregação do Apóstolo Paulo na ocasião em que o mesmo discursou no Areópago para os atenienses ávidos de novidades, mas que, em sua maioria, não estavam interessados na questão da ressurreição. Dionísio foi uma exceção: ouviu e converteu-se à fé cristã. Este fato está registrado em Atos dos Apóstolos, no capítulo 17. Provavelmente, o Pseudo-Dionísio valeu-se do subterfúgio de usar o nome de uma figura respeitada na tradição cristã porque tinha como finalidade garantir a aceitação e difusão de suas obras. Esses escritos representam uma fusão entre o cristianismo e o neoplatonismo, em que ficam evidentes as influências de Plotino e Proclo (412-485), lídimos representantes de releituras de Platão.

Os escritos do Pseudo-Dionísio, o Aeropagita, foram usados por nomes respeitados na tradição cristã. João Erigena, Alberto, o Grande e Tomás de Aquino são algumas dessas figuras. São Tomás de Aquino, por exemplo, mencionou em suas obras os escritos do Pseudo-Dionísio cerca de 1.700 vezes. Seu valor se mostra tanto no campo teológico, quanto no filosófico. Na Teologia, é de suma importância a distinção feita entre a *Teologia Positiva*, também chamada de *catafática* (do

grego, *katáphasis* = afirmação), e a *Teologia Negativa*, ou *apofática* (do grego, *apóphasis* = negação). A proposta da Teologia catafática consiste em afirmar de Deus as perfeições que se encontram nas criaturas, valorizando as mais elevadas, tais como a sabedoria, a bondade, a unidade, a vida etc.

Há, com efeito, uma regra universal de que é preciso evitar aplicar temerariamente alguma palavra, por vezes até algum pensamento, à Deidade supra-essencial e secreta, com exceção daquilo que as santas Escrituras divinamente nos revelaram. O desconhecimento desta própria Supra-essencialidade que ultrapassa razão, pensamento e essência, deve ser o objeto da ciência supra-essencial; portanto, não devemos levantar os olhos para o alto a não ser à medida que se nos manifesta o próprio Raio de Luz das santas palavras teárquicas, cegando-nos, para receber as mais altas luzes, desta sobriedade e desta santidade que convêm aos objetos divinos. Com efeito, se for preciso confiar em uma teologia inteiramente sábia e perfeitamente verdadeira, é só à medida que convêm a cada inteligência que os segredos divinos se manifestam e se revelam, pois é à própria bondade da Tearquia (*Princípio do divino*) que, em sua justiça salvadora, oferece divinamente aos seres mensuráveis, como realidade infinita, sua própria incomensurabilidade (PSEUDO-DIONÍSIO, 2004, pp. 09-10).

Deus é causa e princípio de todas as coisas, abarcando em si mesmo todos os nomes, contudo, não se confundindo com as coisas criadas, mas transcendendo-as todas. Percebe-se, então, a dificuldade de se falar sobre Deus, aquele que é inominável,

E nenhuma razão discursiva pode discorrer sobre o Uno que ultrapassa todo discurso, nem alguma palavra pode exprimir algo a respeito do Bem que está acima de toda palavra, Mônada unificadora de toda mônada, Essência supra-essencial, Inteligência ininteligível e Palavra inefável, isenta de razão, de inteligência e de nome, que não tem ser segundo o modo de algum ser, que é causa ontológica de todo ser e ao mesmo tempo, porque está situada além de toda essência, totalmente excluída da categoria de ser, segundo a revelação que ela faz de si mesma em sua mestria e seu saber (PSEUDO-DIONÍSIO, 2004, pp. 10-11).

Ainda sobre a *Teologia Catafática*, o Pseudo-Dionísio afirma:

Celebramos as principais afirmações da teologia afirmativa, mostrando em que sentido a excelente natureza de Deus é dita una, em que sentido ela é dita trina, o que se chama nela Paternidade e Filiação, o que a teologia pretende significar quando fala do Espírito, o modo como do próprio coração do Bem imaterial

e indivisível saíram as luzes da bondade, como estas luzes se difundiram ao mesmo tempo permanecendo, graças a seu eterno renascimento, nele mesmo, cada uma em si e todas mutuamente umas com as outras, assim como Jesus supra-essencial revestiu verdadeiramente a natureza humana, e todos os outros mistérios que os *Esboços teológicos* celebram segundo o ensinamento das Escrituras. No Tratado dos *Nomes divinos*, mostramos por que Deus é nomeado Bem, Ser, Vida, Sabedoria, Força, e assim por diante, para todos os nomes inteligíveis de Deus (PSEUDO-DIONÍSIO, 2004, p. 133).

Não havendo categorias linguísticas que possam dar conta da realidade do ser de Deus, esse ser que é fonte de toda perfeição conduz os homens a recorrerem à *Teologia Apofática*, que consiste em ressaltar elementos da imperfeição conhecida pelos humanos, salientando-se aquilo que Deus não é. Tudo o que os homens veem como errado e imperfeito no mundo criado não pode fazer parte da essência de Deus.

Agora, pois, penetremos na Treva que está além do inteligível, e não haverá maior concisão ainda, mas, ao contrário, uma cessação total da palavra e do pensamento. Onde nosso discurso descia do superior ao inferior, à medida que se distanciava das alturas, seu volume aumentava. Agora que nós subimos do inferior

ao transcendente, na própria medida que nos aproximamos do pico, o volume de nossas palavras se retrairá; no termo último da ascensão estaremos totalmente mudos e plenamente unidos ao Inefável. Contudo, dirás, por que partir das mais altas quando se trata das afirmações, e das mais baixas quando se trata das negações? Respondo que, para falar afirmativamente Daquele que transcende toda afirmação, seria preciso que nossas hipóteses afirmativas tomassem apoio sobre o que está mais próximo dele. Mas, para falar negativamente Daquele que transcende toda negação, começasse necessariamente por negar dele o que está mais distante dele. Com efeito, não é verdade que é mais *vida* ou *bem* que *ar* ou *pedra* e que se erra muito mais quando o nomeamos *rancoroso* e *colérico* do que o supondo *exprimível* ou *pensável*? (PSEUDO-DIONÍSIO, 2004, pp. 134-135).

Como se diz no texto acima, quanto mais ocorre a aproximação em relação ao superior, desemboca-se no silêncio místico, na apreensão direta e desnudada da divindade, embora não se possa explicar isso racionalmente, ficando apenas a sensação da experiência como resultado.

No campo filosófico, o Pseudo-Dionísio repete as tríades dialéticas de Proclo, enfatizando o processo que vai do Uno até o mundo, bem como o processo

de retorno para o Uno. Vale-se também da terminologia platônica, da emanção para explicar a criação, evitando, é claro, qualquer tipo de panteísmo. O que está por trás da concepção filosófica do Areopagita é a percepção que a Idade Média traz sobre a relação entre Deus e o mundo. O cerne que embasa essa cosmologia medieval é questão da *hierarquia*, que é exposta ali pela primeira vez em toda sua extensão no que tange ao seu alcance metafísico, em suas variadas hipóteses e em suas diversas variações.

Chamo hierarquia uma ordem, um saber e um ato tão próximos quanto possível da forma divina, elevados à imitação de Deus na medida das iluminações divinas. [...] O fim da hierarquia é, portanto, o de conferir às criaturas, o quanto se pode, a semelhança divina e de uni-las a Deus. Deus é para ela, com efeito, o mestre de todo conhecimento e de toda ação, e ela não cessa de contemplar sua diviníssima bondade, recebe sua impressão tanto quanto ele está nela, e de seus seguidores ela faz perfeitas imagens de Deus, espelhos de plena transparência e sem manchas, aptas para receber o raio do Fogo fundamental e da Tearquia; depois, tendo santamente recebido a plenitude de seu esplendor, tornam-se, em seguida, capazes, segundo os preceitos da Tearquia, de transmitir livremente esta mesma luz aos seres inferiores (PSEUDO-DIONÍSIO, 2004, pp. 148-149).

Especialmente os tratados que mais exerceram influência foram aqueles que discutiram da hierarquia do céu e da terra. Cassirer percebeu isso claramente:

A importância histórica destes tratados consiste em que os mesmos, pela primeira vez, aparecem unidos e se desenvolvem conjuntamente unidos aos motivos e forças capitais que constituem o fundamento da fé e da ciência na Idade Média, além disso, vale ressaltar também, que neles se cumpre pela primeira vez uma verdadeira e acabada fusão sincrética da doutrina cristã da salvação com a especulação helenística. Esta especulação sobre todo o neoplatonismo presenteou ao cristianismo uma outra coisa, a noção e a imagem universal do *cosmos disposto em graus*. Segundo essa doutrina, o universo divide-se em um mundo inferior e em um mundo superior, em um mundo sensível e um mundo inteligível, que não se opõem entre si, mas que têm a mesma essência, que está baseada nessa negação recíproca, nessa contraposição polar. Porém, acima do abismo da negação que se abre entre os mundos, tem-se um vínculo espiritual (CASSIRER, 1951, p. 23).

Interligando os vários polos, do Uno Absoluto ao aspecto informe absoluto, do imaterial ao material, o vínculo espiritual tem como característica básica a mediação. Pela mediação, o infinito passa ao finito e retorna ao infinito. Foi assim que Deus, para redimir os homens,

encarnou-se em Jesus e voltou para a economia¹ da santíssima trindade, tendo vencido a morte e tornando essa vitória uma possibilidade real aos homens.

A escala gradual desce do celeste para o terrestre, que ascende deste para aquele num processo sistemático. Mas entre Deus e os homens aparece também o mundo das inteligências puras e das puras forças espirituais, que estão divididas em três círculos distintos, cada um deles se articulando em tríplice órbita.

A teologia nomeou todas as essências celestes com nove nomes reveladores, que nosso divino iniciador divide em três ordens. A primeira, diz-se, envolve Deus de maneira permanente, e a tradição quer que esteja unida a ele de modo constante antes de todos os outros e sem nenhuma mediação: estes são os tronos santíssimos e estes batalhões notáveis pelo número de seus olhos e

1 “Uma das teses que procurará demonstrar é que da teologia cristã derivam dois paradigmas políticos em sentido amplo, antinômicos, porém funcionalmente conexos: a teologia política, que fundamenta no único Deus a transcendência do poder soberano, e a teologia econômica, que substitui aquela pela ideia de uma *oikonomia*, concebida como uma ordem imanente – doméstica e não política em sentido estrito – tanto da vida divina quanto da vida humana. Do primeiro paradigma derivam a filosofia política e a teoria moderna da soberania; do segundo, a biopolítica moderna até o atual triunfo da economia e do governo sobre qualquer outro aspecto da vida social” (AGAMBEN, 2011, p. 13).

de suas asas, que se chamam em hebraico *querubins* e *serafins*, e que estão assentados, diz Hieroteu, segundo a tradição das santas Escrituras, imediatamente junto de Deus, em uma proximidade superior à de todos os outros. Esta ordem de três batalhões forma, segundo o ensinamento de nosso célebre preceptor, uma só hierarquia, de condição igual e verdadeiramente primeira; nenhuma outra se conforma melhor a Deus, e ela é imediatamente contígua às iluminações primordiais da Tearquia. A segunda ordem se compõe, diz-se, dos *poderes*, das *senhorias* e das *potências*. A terceira constitui a última hierarquia celeste, a ordem dos *anjós*, dos *arcanjos* e dos *principados* (PSEUDO-DIONÍSIO, 2004, p. 158).

O primeiro círculo é composto por Serafins, Querubins e Tronos; o segundo, por Poderes, Senhorias e Potências; e o terceiro, por Anjos, Arcanjos e Principados. De maneira que se pode afirmar que de Deus procedem irradiações nesses diversos graus, que os sustentam e que acabam voltando ao centro irradiador, que é o ponto de partida e término de todas as coisas.

Com essa concepção se tinha procurado na ordem eclesiástica uma justificação e uma verdadeira e própria teodiceia, pois esta ordem, em essência, não é senão a mais acabada cópia da ordem espiritual cósmica; a hierarquia da Igreja reflete a hierarquia do céu, e como

reflexo tem-se a plena consciência de sua própria necessidade e inviolabilidade. A cosmologia da Idade Média e a fé medieval, a noção de ordem do universo e da ordem moral e religiosa de salvação confluem em uma única visão fundamental, em uma imagem de suprema significação e da mais alta lógica interior (CASSIRER, 1951, p. 24).

Essa hierarquia vista no céu deveria ser repetida na Terra, e assim se procedeu durante toda a Idade Média, quando os reis eram vistos como senhores entre senhores, numa clara compreensão de que o poder político medieval estava pulverizado, o que facilitava o domínio político da Igreja, já que ela podia ser entendida como um grau da hierarquia divina entre os homens, colocada nesta condição para organizar a sociedade humana, tanto do ponto de vista moral como religioso.

2. Agamben relendo o Pseudo-Dionísio

Depois de realizada a apresentação das ideias centrais do Pseudo-Dionísio, resta-nos apresentar uma crítica sobre a maneira como Agamben recebe a obra. Apesar de reconhecer que a obra em pauta é de suma importância na construção de uma teologia política no

período medieval, parece que alguns elementos ficaram de fora da construção e da análise daquilo que veio a ser conhecido como ortodoxia no interior do pensamento católico ocidental. Por isso, torna-se necessário olhar com mais atenção especificamente o capítulo seis da obra do pensador italiano, intitulado: *Angelologia e Burocracia*.

É nesse capítulo que Agamben descreve a importância do livro do Pseudo-Dionísio.

A introdução de um tema hierárquico na angelologia – ou antes a invenção do próprio termo ‘hierarquia’ – é obra de um apócrifo, cujo gesto é uma das mistificações mais tenazes da história da literatura cristã e ainda espera para ser desvelado. O equívoco, que marcou sua recepção, sobretudo no Ocidente latino a partir do século XI, fez com que se confundisse com uma teologia mística o que, na realidade, é uma sacralização da hierarquia eclesiástica (e, talvez, de qualquer hierarquia). De qualquer maneira, uma leitura que tenha se libertado do anteparo da interpretação translaticia não deixa dúvidas quanto à estratégia do apócrifo, que apresenta logo depois de sua Hierarquia celeste uma Hierarquia eclesiástica: trata-se de um lado de hierarquizar os anjos, dispondo as fileiras segundo uma ordem rigidamente burocrática e, de outro, de angelizar as hierarquias eclesiásticas, distribuindo-as segundo

uma gradação essencialmente sacral. Por outras palavras, segundo uma contiguidade para cujo significado na cultura medieval Kantorowicz já havia chamado a atenção, trata-se de transformar o *mysterium* em *ministerium* e o *ministerium* em *mysterium* (AGAMBEN, 2011, pp. 169-170).

Fica evidente que o corpus dionisíaco tem, para Agamben, a finalidade de demonstrar, através do processo triádico, que emana da trindade e perpassa as triarquias angélicas, a organização da hierarquia terrena, que dava ao poder humano uma justificativa e um caráter sacro. A análise de Agamben parece muito interessante, pois para ele o princípio invisível do poder, a *tearchia*, cuja manifestação triádica acaba estruturando o governo hierárquico no mundo, onde a hierarquia é essencialmente uma atividade de governo, uma operação, um saber e uma ordem que organiza politicamente e socialmente todos os povos da terra.

O que precisa ser pensado é o fundo originário que determina todas estas coisas e, neste sentido, a grande discussão a ser feita é se a *trindade*, fonte originária de todo poder, no mundo angelical e no mundo dos homens, é ela mesma hierárquica. Este questionamento parece não ter sido feito pelo pensador italiano. Que a

hierarquia apresentada no Pseudo-Dionísio se traduz em burocracia e esta torna-se parâmetro para justificar uma sociedade estamental é ponto pacífico. O que não fica claro na leitura de Agamben é se a doutrina da trindade está estruturada hierarquicamente.

Agamben cita diversos pais da igreja (Atenágoras, Tertuliano, Clemente) com o intuito de afirmar que o Pseudo-Dionísio não inventou o paralelismo burocrático entre os homens e os anjos, mas com certeza foi quem sintetizou a ideia de maneira definitiva.

De qualquer forma, o que parece ter passado despercebido tanto no Pseudo-Dionísio como em muitos de seus leitores posteriores, é que a *oikonomia* trinitária não é ela mesma hierárquica. Em outras palavras, se o resultado parece muito interessante, porque permite compreender a organização social medieval fundada na desigualdade entre os homens, pois esta é só uma *mimesis* da fonte de toda verdade, ou seja, a trindade, esta, por sua vez, não foi compreendida em nenhum concílio da Igreja de forma *subordinacionista*.

Basta lembrar o contexto histórico e teológico do Concílio de Niceia em 325. A questão ariana preocupava muitos teólogos, inclusive trazia preocupações políticas ao próprio Imperador Constantino. Vale lembrar

que Ário, presbítero de Alexandria, sustentava o princípio *subordinacionista* de Orígenes, que introduzia uma noção de hierarquia na relação entre o Pai e o Filho. Apoiado por Eusébio de Nicomédia, um bispo da igreja do Oriente, Ário sustentava que o Filho era *homoiousius* (de substância semelhante, similar) ao Pai. Percebendo a sutileza do argumento, o grupo oposto, que era composto por muitos expoentes da teologia, optou por definir o Filho como *homoousios* (da mesma substância) que o Pai. Isto muda tudo, pois fica evidente que a Ortodoxia Católica, em seu primeiro grande Concílio, optou por rejeitar qualquer noção de hierarquia e subordinação entre os membros da Trindade. O Concílio de Niceia produz uma declaração de fé que depois vai sendo aprimorada e confirmada pelos Concílios posteriores, a saber, Constantinopla em 381, Calcedônia em 451 e Toledo em 589. O Credo Niceno, como ficou conhecido, traduz a maneira ortodoxa de compreensão da Trindade no seio da Igreja.

O que se pode depreender da leitura do Credo é uma divisão de funções, mas jamais um processo hierárquico e de subordinação. Mesmo se pensarmos no Sabelianismo, uma outra doutrina rejeitada nos primeiros séculos da Igreja, não ocorre o princípio hierárqui-

co, pois com seu *Monarquianismo Modalista*, onde um único Deus assume “modos” diferentes de Manifestação, ora como Pai, ora como Filho e ora como Espírito Santo, a divindade não assume uma hierarquia.

O que parece evidente é que o fundamento que origina a hierarquia não é encontrado na *oikonomia* trinitária, fato este que prejudica toda tese da hierarquia e burocracia celeste sendo reproduzida na sociedade dos homens.

Talvez fosse interessante continuar esta discussão a partir das inserções feitas por grandes teólogos do século XX, como, por exemplo, Karl Barth, que inclui a doutrina da Trindade na abertura de sua obra *Church Dogmatics*, resgatando, com isso, a importância desta

doutrina, após um período de constante negligência em relação a ela no campo da teologia dogmática, talvez por influência do pensamento da teologia liberal protestante iniciada por Schleiermacher. Outro teólogo de fundamental importância nesta discussão é Karl Rahner com sua análise da relação entre a Trindade “econômica” e “imaneente”. A distinção básica é a forma como Deus é conhecido por meio da revelação na história e a forma pela qual ele existe internamente na perspectiva trinitária. Mas isto é apenas uma sinalização que auxilia no avanço das provocações feitas por Agamben, trabalho este que pode ser levado adiante e construído mediante o debate de ideias, fato este que mostra a grande importância do pensamento de Agamben no âmbito da Teologia.

Referências bibliográficas:

AGAMBEN, Giorgio. *O reino e a glória: uma genealogia teológica da economia e do governo: homo sacer, II*. São Paulo: Boitempo, 2011.

CASSIRER, Ernst. *Individuo y Cosmos en la filosofía del Renacimiento*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1951.

DANTE ALIGHIERI. *Monarquia*. Lisboa: Guimarães Editores, 1984.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: formação do Estado e Civilização*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1993.

KANTOROWICZ, Ernst H. *Os dois corpos do rei: um estudo sobre teologia política medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PSEUDO-DIONÍSIO, O areopagita. *Obra Completa*. São Paulo: Paulus, 2004.

YATES, Frances A. *Giordano Bruno e a tradição hermética*. São Paulo: Cultrix, 1995.

Cadernos Teologia Pública

- N. 1 *Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI* – Johan Koenigs, SJ
- N. 2 *Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista* – Maria Clara Bingemer
- N. 3 *A Teologia e a Origem da Universidade* – Martin N. Dreher
- N. 4 *No Quarentenário da Lumen Gentium* – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner* – Érico João Hammes
- N. 6 *Teologia e Diálogo Inter-Religioso* – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 *Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica* – José Roque Junges, SJ
- N. 8 *Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos* – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 *Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões* – Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 *O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso* – Michael Amaladoss, SJ
- N. 11 *A teologia em situação de pós-modernidade* – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 *Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema* – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 *Teologia e Ciências Sociais* – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 *Teologia e Bioética* – Santiago Roldán García
- N. 15 *Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos* – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 *Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento* – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 *Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 *Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II* – Paulo Suess
- N. 19 *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 *Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo* – Karl-Josef Kuschel
- N. 22 *Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs* – Jacques Arnould
- N. 23 *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 *O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica* – Walter Ferreira Salles
- N. 25 *A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II* – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 *Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski* – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 *Música e Teologia em Johann Sebastian Bach* – Christoph Theobald
- N. 28 *Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas* – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 *Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino* – Ana María Formoso
- N. 30 *Espiritualidade e respeito à diversidade* – Juan José Tamayo-Acosta
- N. 31 *A moral após o individualismo: a anarquia dos valores* – Paul Valadier

- N. 32 *Ética, alteridade e transcendência* – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 *Religiões mundiais e Ethos Mundial* – Hans Küng
- N. 34 *O Deus vivo nas vozes das mulheres* – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 *Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica* – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 *Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois* – Joseph Comblin
- N. 37 *Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla* – João Batista Libânio
- N. 38 *O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas* – Peter C. Phan
- N. 39 *Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo* – Paulo Suess
- N. 40 *Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha* – Benedito Ferraro
- N. 41 *Espiritualidade cristã na pós-modernidade* – Ildo Perondi
- N. 42 *Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta* – Ildo Perondi
- N. 43 *A Cristologia das Conferências do Celam* – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 *A origem da vida* – Hans Küng
- N. 45 *Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga* – Maria Cristina Giani
- N. 46 *Ciência e Espiritualidade* – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 *Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana* – Antônio Cechin
- N. 48 *Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff* – Águeda Bichels
- N. 49 *Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos* – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 *"Ite, missa est!": A Eucaristia como compromisso para a missão* – Cesare Giraud, SJ
- N. 51 *O Deus vivo em perspectiva cósmica* – Elisabeth A. Johnson
- N. 52 *Eucaristia e Ecologia* – Denis Edwards
- N. 53 *Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje* – José A. Zamora
- N. 54 *Mater et Magistra – 50 Anos* – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I* – Daniel Marguerat
- N. 56 *Igreja Introvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio "Summorum Pontificum"* – Andrea Grillo
- N. 57 *Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã* – Elisabeth A. Johnson
- N. 58 *As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo* – Christoph Theobald
- N. 59 *Deus e a criação em uma era científica* – William R. Stoeger
- N. 60 *Razão e fé em tempos de pós-modernidade* – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 *Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura* – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 *Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição* – Luigi Perissinotto
- N. 63 *A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico* – Felix Wilfred
- N. 64 *Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea* – François Euvé
- N. 65 *O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade* – Marco Lucchesi
- N. 66 *Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno* – Mary E. Hunt
- N. 67 *Silêncio do deserto, silêncio de Deus* – Alexander Nava
- N. 68 *Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites* – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 *(Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual* – Degislano Nóbrega de Lima
- N. 70 *Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet* – Moisés Sbardelotto
- N. 71 *Rumo a uma nova configuração eclesial* – Mario de França Miranda
- N. 72 *Crise da racionalidade, crise da religião* – Paul Valadier
- N. 73 *O Mistério da Igreja na era das mídias digitais* – Antonio Spadaro
- N. 74 *O seguimento de Cristo numa era científica* – Roger Haight

- N. 75 *O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa* – Peter C. Phan
- N. 76 *50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro* – José Maria Vigil
- N. 77 *As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja* – Christoph Theobald
- N. 78 *As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã* – George V. Coyne
- N. 79 *Papa Francisco no Brasil – alguns olhares*
- N. 80 *A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades* – André Wénin
- N. 81 *Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II* – Victor Codina
- N. 82 *O lugar da mulher nos escritos de Paulo* – Eduardo de la Serna
- N. 83 *A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel* – Élcio Verçosa Filho
- N. 84 *O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota”* – Renato Ferreira Machado
- N. 85 *Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica* – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
- N. 86 *Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II* – Peter C. Phan
- N. 87 *O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25* – André Wénin
- N. 88 *Política e perversão: Paulo segundo Žižek* – Adam Kotsko
- N. 89 *O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39* – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 *A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer* – John W. O’Malley
- N. 91 *Religiões brasileiras no exterior e missão reversa* – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vásquez e Ushi Arakaki
- N. 92 *A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek* – Adam Kotsko
- N. 93 *O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas* – José Oscar Beozzo
- N. 94 *Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco* – John O’Malley
- N. 95 *“Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente* – Massimo Faggioli
- N. 96 *As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral Gaudium et spes: por uma fé que sabe interpretar o que advém – Aspectos epistemológicos e constelações atuais* – Christoph Theobald
- N. 97 *500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas* – Vitor Westhelle
- N. 98 *O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a liturgia, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo* – Gilles Routhier
- N. 99 *Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 *O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da Gaudium et Spes* – Afonso Murad
- N. 101 *Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo* – Elias Wolff
- N. 102 *A Constituição Dogmática Dei Verbum e o Concílio Vaticano II* – Flávio Martinez de Oliveira
- N. 103 *O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje!* – Emerson Sbardelotti Tavares
- N. 104 *A exortação apostólica Evangelii Gaudium: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II* – Christoph Theobald
- N. 105 *Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer* – Ney Brasil Pereira
- N. 106 *Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja* – Rejane Maria Dias de Castro Bins

- N. 107 *O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia* – Antonio Manzatto
- N. 108 *Morte como descanso eterno* – Luís Inacio João Stadelmann
- N. 109 *Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica* – Guillermo Kerber
- N. 110 *A Encíclica Laudato Si' e os animais* - Gilmar Zampieri
- N. 111 *O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de Dignitatis Humanae e Amoris Laetitia* – Andrea Grillo
- N. 112 *O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco* – Christoph Theobald
- N. 113 *Lucero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos* – Roberto E. Zwetsch
- N. 114 *Laudato Si', o pensamento de Morin e a complexidade da realidade* – Giuseppe Fumarco
- N. 115 *A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas* – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 116 *A Igreja em um contexto de "Reforma digital": rumo a um sensus fidelium digitalis?* Moisés Sbardelotto
- N. 117 *Laudato Si' e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência?* – Gaël Giraud e Philippe Orliange
- N. 118 *Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas* – Ildo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi
- N. 119 *A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica* – Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow
- N. 120 *Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política* – Amos Yong
- N. 121 *Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída* – Tea Frigerio
- N. 122 *Ser e Agir, o Reino e a Glória: a Oikonomia Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental* – Colby Dickinson
- N. 123 *A sensibilidade religiosa de Thoreau* – Edward F. Mooney
- N. 124 *Diáconas na Igreja Maronita* – Phyllis Zagano
- N. 125 *Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben* – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 126 *Teologalidade das resistências e lutas populares* – Francisco de Aquino Júnior
- N. 127 *A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão* – Colby Dickinson
- N. 128 *O Princípio Pluralista* – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 129 *Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética* – Ivone Gebara
- N. 130 *Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben* – Joel Decothé Junior



Gerson Leite de Moraes. Bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Sul (1999), graduação em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP (2006). Mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas/SP (2003), Doutorado em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/SP (2008) e Doutorado em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas/SP - UNICAMP (2014). Atualmente é Professor Doutor Adjunto I da Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP.

Algumas publicações do autor

MORAES, Gerson Leite; PIMENTA, Scheiden Nunes. *Direitos Humanos e educação: uma reflexão necessária. Intellectus-Revista acadêmica digital da faculdade de Jaguariúna*, São Paulo. v.44,138, p.95-112, 2007

MORAES, Gerson Leite. Os demônios de Santo Agostinho. *Revista de Estudos filosóficos e históricos da antiguidade*, São Paulo. v. 30, p. 171-190, 2016.



Daniel Nagao Menezes. Possui graduação em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, especializações em Direito Constitucional e Direito Processual Civil ambos pela PUC-Campinas, Especialização em Didática e Prática Pedagógica no Ensino Superior pelo Centro Universitário Padre Anchieta, Mestre e Doutor em Direito Político e Econômico pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor do Programa de Pós-Graduação em Direito Político e Econômico da Faculdade de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP. Pós doutorando pela Universidade São Paulo. Membro do CIRIEC-Brasil.

Algumas publicações do autor

MENEZES, Daniel, F, Nagao.; ANDRADE, Rodolpho. Panorama histórico da edição da lei nº 6.404 de 1976 e debêntures de infraestrutura. *RJLB - Revista Jurídica Luso-Brasileira*. v. 2, p. 827-845, 2018.

MENEZES, Daniel, F, Nagao. Formação Econômica do Brasil: Um Debate a Partir da Constituinte de 1987. *Revista Fórum de Direito Financeiro e Econômico*, Belo Horizonte. v. 9, p. 191-206, 2016.

